

comentária

PARA COMPREENDER

de JOFRE AMARAL NOGUEIRA

O sr. António Sérgio acaba de submeter-me na «Seara Nova» cinco «temas para meditação» nos quais me propõe buscar «desinteressadamente, sem *parti pris*, as suas razões e conseqüências».

Confesso que espero do sr. António Sérgio um pouco mais de atenção ao que eu lhe escrevo, um pouco mais de higiénica compreensão, e um pouco menos de bondade catadrática. Nascermos, todos os da minha idade um pouco tarde para escutar as vozes que nos falam de entre relâmpagos e trovões...

Se confiadamente lhe escrevi a minha carta, foi porque verificara que o sr. António Sérgio não resolvia (nem atentava nelas) as dificuldades que qualquer pessoa, por pouco que soubesse de materialismo dialéctico, encontraria em face. Se confiadamente lhe escrevi a minha carta, foi porque fiz aos seus méritos a justiça de não considerar o que o sr. Sérgio escrevia como... legislação filosófica.

Permita-me que trate agora dos temas que constituem o artigo da *Seara*. E desculpe o arrojo insolente de propôr-lhe que admita por momentos, por fantásticamente absurda que seja a hipótese, a possibilidade de um rapaziinho de vinte anos, por uma aberração da natureza, por um fenómeno patológico misterioso—, ser capaz de pensar e de ter razão. O esforço que lhe peço deve ser-lhe sobre-humano, mas é também o primeiro estádio duma atitude compreensiva; e, se o caso se der, terá o sr. António Sérgio o ensejo de meditar num fenómeno para si inédito.

Primeiro tema. Para o materialista dialéctico a **consciência** e o **ser** são duas coisas diferentes, duas coisas que não coincidem. Perante o problema das relações entre consciência e ser, entre espírito e matéria, o homem tomava duas atitudes clássicas: ou reduzia o ser à consciência, a matéria ao espírito, e via no ser um «epifenómeno» da consciência; ou reduzia a consciência ao ser, o espírito à matéria, e via na consciência um epifenómeno da matéria. Para o materialismo dialéctico não se trata da solução do problema pela destruição do que tem de particular

e de irreductível ao outro cada um destes dois elementos: o materialismo dialéctico resolve o dilema clássico estabelecendo entre os dois termos uma relação, uma **unidade**, que é feita pela acção do homem.

Era àcerca disto que se disse nas «Teses sobre Feuerbach»: «O principal defeito de todo o materialismo passado é que o objecto, a realidade, o mundo sensível são por êle compreendidos sob o aspecto de **objecto** ou de **intuição**, mas não sob o aspecto de **actividade concreta humana**, como **prática**, não de maneira subjectiva. Assim se explica porque o aspecto **activo** foi desenvolvido pelo idealismo em oposição ao materialismo, mas só abstratamente, porque o idealismo não conhecia naturalmente a actividade real, concreta, como tal.»

E' ainda das **Teses** o seguinte pequeno trecho que podemos considerar a **chave** de todo este sistema filosófico: «A doutrina materialista em que os homens são produtos das circunstâncias e da educação, em que, por conseqüência, homens modificados são produtos de outras circunstâncias e duma educação modificada, esquece que são precisamente os homens que modificam as circunstâncias e que o próprio educador precisa de ser educado.»

E' exactamente porque se compreende a «realidade, o mundo sensível» sob o aspecto de **actividade concreta humana, como prática** que se diz que a acção do homem, modificando as coisas, modifica o próprio homem; que a consciência do homem é determinada pelo mundo sensível, em modificação sob a acção da actividade humana.

E' óbvio que a acção do homem se exerce, que a consciência é determinada pelo ser, dentro de certas condições em que as propriedades da matéria, o mecanismo perceptivo do homem, a experiência e a razão adquiridas, as circunstâncias da acção humana—se exercem e se coordenam. E é óbvio, também, que essas certas condições, sendo funções de variáveis, são variáveis também, embora a variação não seja arbitrária mas sujeita a certas leis de desenvolvimento. Por outro lado, é também verdade que essas condições definem a maneira

e são a razão por que se diz que a matéria determina a consciência.

Exemplificando: foi da acção do homem que veio o conhecimento de que o hidrogénio e o oxigénio, juntos em certas condições, formam a água. Não se pode evidentemente formar água pela junção de carbono e de zinco: a razão e a sua eficácia são determinadas, neste caso, pelas propriedades da matéria, por uma certa organização da matéria. E' certo que, muitas vezes, dedutivamente se tiram de certas leis da matéria conseqüências acertadas, verdadeiras; mas só a prática humana dá a essas conseqüências a realidade pragmática que as torna verdadeiras, e a sua dedução só foi possível graças a uma experiência anterior.

A intelligibilidade do mundo não é uma condição **a priori**, um **dever ser**, ela é o resultado da experiência humana. A própria razão é um processo que se desenvolve, que se organiza, pela «totalização da experiência». Os chamados princípios da razão são conseqüências do exercício da razão, conseqüências da experiência racional, determinadas portanto pelo conhecimento da matéria, pelas propriedades da matéria. No caso do navio que o sr. António Sérgio cita, as «máquinas propulsoras», embora propulsoras, são determinadas pela função do navio, pelo meio em que ella se exerce, pelas lições adquiridas na experiência, na acção. Das máquinas propulsoras. O sr. António Sérgio não se lembraria, certamente, de pretender propulsionar um navio por meio duma máquina de bater gemadas, pelas rodas dum automóvel, ou pela hélice e pelas asas dum avião.

Quando o sr. António Sérgio fala na eficácia das ideias, considera-a um facto inadmissível dentro duma concepção materialista, coerente consigo própria. E é evidente que ao considerá-la assim, não o faz por essa eficácia em si, desligada de suas conseqüências. Se bem me parece o sr. António Sérgio considera as conseqüências duma certa concepção de eficácia, dentro de uma certa concepção de vida: é dentro dessas conseqüências, assim tiradas, que considera irreductíveis a eficácia das ideias e o materialismo. Ora,

não podemos considerar a eficácia das ideias em abstrato, como uma qualidade das ideias, da qual logicamente, dedutivamente, se tiram conseqüências abstratas:—temos de considerar uma eficácia real, produzindo-se em circunstâncias várias e em certas condições. O sr. Sérgio não repara que entre as ideias e a sua acção eficaz, estão o mundo psicológico e social do homem, as leis de organização e desenvolvimento da matéria?

Ora é exactamente por que o materialismo dialéctico considera essa eficácia concretamente, como acção do homem total, que afirma que as ideias e a sua eficácia são determinadas pelas propriedades da matéria sobre que agem e de que recebem, nessa acção, as influências determinantes, modificadoras, orientadoras, inspiradoras.

O tom da crítica do sr. António Sérgio é, neste ponto, um tom tal que nos dá a nítida impressão que desconhece, ao tratar da exclusão entre eficácia das ideias e materialismo—estas criticando um sistema em que é da própria eficácia das ideias que resulta a concepção materialista. Se o sr. Sérgio tivesse reparado neste pequenino ponto é indiscutível que raciocinaria dum modo bem diferente.

O sr. António Sérgio poderá dizer-me que não admite, que julga falsas, esta concepção de eficácia das ideias e aquela outra, atrás dada, de matéria e mundo sensível. Demos d' barato que tem razão, que as duas concepções são falsas; não esqueça porém o sr. Sérgio que o que desejava mostrar era uma contradição entre os conceitos A e B dentro do sistema C e não nos podia falar, portanto, dos conceitos A e B dentro do sistema D. O contrário seria uma habilidade demasiado visível para que a intelligência do sr. António Sérgio a usasse.

Segundo Tema. O segundo tema é, em resumo, o seguinte: «Mal eu afirmo que a oposição e composição das forças materiais reproduz uma oposição e composição de ideias (por outras palavras: mal eu afirmo que aquela oposição é dialéctica) eu saio do campo do materialismo».

As conclusões que tirei da

(Continua na página imediata)

"PARA QUE O BRASIL CONTINUE"

de Armando de Salles Oliveira

por RAUL DO REGO

O candidato paulista à fahlhada eleição presidencial brasileira publicara, antes do golpe de Estado, a primeira série de seus discursos políticos. Assim, de discursos políticos se sub-intitula o livro e como discursos foram proferidos, mas nós colocá-los-íamos antes no gênero da conferência. Não têm em geral o arrebatamento do discurso político, e neste ponto só pode ganhar a limpidez do juízo e a sua clara expressão; nem tampouco se traduzem pelas promessas fantásticas do candidato que quere fazer entrar na cabeça dos ouvintes um sonho: que desceu um anjo à terra para lhes trazer o céu. Caracteriza-os, pois, a serenidade de raciocínio e a consciência nas promessas. E ninguém dirá que não sejam duas qualidades eminentes

para o homem que aspira à suprema magistratura da nação brasileira. Democrata convicto e que sabe dar as razões da sua fé na democracia, tal nos aparece Salles Oliveira em tôdas as páginas do seu livro.

Três pontos, ao que nos parece, dominam nos discursos que o volume contém: a unidade brasileira, a educação e o momento social. É este último ponto que nos parece a parte menos concreta do livro; vê-se um ou outro artigo de programa, mas um programa definido não se tira do discurso pronunciado em *Juiz de Fora*, que aliás tem ideias magníficas e partes bem definidas, como por exemplo: «É necessário pôr os sindicatos profissionais ao abrigo de qualquer intromissão política».

A unidade brasileira vê-se em quasi todos os discursos com uma clareza meridiana, e a paz do Brasil, parece-nos, e parece aos que conhecem a grande nação Sul Americana que só as ideias de Salles Oliveira postas no Palácio de Catete a podem assegurar. «A nossa causa é a defesa das prerrogativas essenciais da nação, entre os quais como princípio vital da Federação, e, portanto, da unidade brasileira, está a autonomia dos Estados».

Dissemos que na questão social não apresenta propriamente um programa; outro tanto não sucede com a educação. Contém um programa o discurso do Teatro Municipal de Belo-Horizonte. Perfeito? Não. Por que? porque era pronunciado em discurso de propaganda eleitoral, e, des-

sa circunstancia (de que o autor poucas vezes se ressentiu), o ser muito difuso, repetindo neste parágrafo o que disse no precedente.

O que o povo precisa de conhecer no homem que elege é a sua formação política, o seu pensamento e as suas ideias nos pontos de que dependem todos os outros e tudo isso se vê muito bem através de uma prosa equilibrada e clara em quasi todo o volume. Promessas fantásticas não precisa delas o antigo governador de S. Paulo, que deixou no Estado Bandeirante uma das obras administrativas mais honestas e dinâmicas de todo o Brasil moderno.

Não duvidamos de que à frente da nação o grande homem de estado fôsse o mesmo que no governo de S. Paulo.

COMENTÁRIO PARA COMPREENDER

(continuação da página anterior)

leitura destas palavras envolviam, na sua exposição pela minha pessoa, uma tal gravidade, que meditei cuidadosamente na atitude a tomar. Eu sabia que tínhamos a considerar três momentos, ou três concepções de dialéctica. Na primeira a dialéctica seria a técnica lógica das definições; na segunda seria «uma oposição e composição de ideias»; na terceira o problema punha-se, segundo as palavras de Henri Lefévre, assim: «Toda a realidade é uma totalidade, una e múltipla, de momentos que se envolvem em profundidade e dos quais cada um contém outros momentos, outros aspectos, outros elementos saídos da sua história. A realidade transporta assim o pensamento e o ser é anterior à consciência; a realidade é natureza, matéria, mas é contudo captável na sua infinita riqueza de determinações, pelo pensamento humano que progride, apoiado na «praxis», e se torna cada vez mais penetrante, flexível, «poliscópico», e tende, como para um limite, para o conhecimento absoluto».

Sabendo que quando se fala em «materialismo dialéctico», e isto pertence à instrução primária desta corrente filosófica, se compreende por «dialéctica» o movimento contradictório e sintético da matéria, eu tinha perante a crítica

do sr. António Sérgio a possibilidade de duas posições:

a) Opondo a dialéctica idealista (desenvolvimento de ideias) ao materialismo, para provar o absurdo da frase «materialismo dialéctico», o sr. Sérgio esquecia propositalmente a existência da dialéctica materialista (certo desenvolvimento da matéria). E procurava assim, num «truc» infantil, iludir o leitor confiante. Mas não posso acreditar que houvesse ilusões sobre o papel duma habilidade tão frágil;

b) O sr. Sérgio ignorava a existência da dialéctica materialista e era esta uma hipótese que se confirmava pela que o sr. Sérgio parecia desconhecer no primeiro tema um outro ponto essencial da corrente filosófica que criticava.

Mas havia eu, um jovenzinho muito ignorante ainda, acusar de ignorância uma pessoa de tanto saber, de tanta capacidade mental, com tanta fama de esperteza, com uma obra tão marcante, como o sr. António Sérgio?... Confesso que é humildemente, mais envergonhado do que decidido, que me coloco na ingrata posição de admitir o desconhecimento destas coisas essenciais por parte do sr. Sérgio. Creia que é sem «esporrência» que lhe peço, quasi de joelhos, para meditar, com assento e desin-

teressadamente, nestas coisinhas importantes; mas não tenha pressa, ponha de parte interesses polémicos, e medite só depois de as conhecer e compreender.

Terceiro Ponto. O sr. António Sérgio refere-se aqui ao emprego de palavras «superior», «justo», «injusto», mas como raciocina para o materialismo mecanista parece-me que não vale a pena tocar este assunto.

Por outro lado, se o sr. António Sérgio sentia a necessidade de falar nisto, era lógico que falasse em resposta a quem usou daquela expressão (embora do ponto de vista dialéctico); o que é estranho é que se refira ao que alguém escreveu após ter tido para esse alguém uma atitude assaz descomposta.

Quarto tema. Diz o sr. António Sérgio: «Eu não discuti naquele meu artigo nenhuma das teses humanas (por que assim digamos) da doutrina chamada «materialismo dialéctico»; só discuti a justeza da sua afirmação metafísica, a saber: aquela designação de «materialismo», dada a uma doutrina que—em meu juízo—não é materialista». É evidente que tudo isto não passa de puro jornalismo: se o sr. Sérgio, para provar que certa doutrina não é materialista, ataca as duas bases essenciais dessa doutrina afirmando-as como absurdos—implicitamente dis-

cute uma das teses humanas.

Acusa-me ainda o sr. António Sérgio de ter dado «um sentido geral, universal, indeterminado» a uma passagem por êle escrita em referência às «vulgaríssimas e conhecidíssimas argumentações dos jornalistas-apologistas católicos». Com o fim de avivar a memória do sr. Sérgio, transcrevo o período que no número 515 da Seara Nova precede imediatamente a frase por mim transcrita. Devo prevenir que os sublinhados são meus.

«Há-de acreditar o irmão católico que NISSO de argumentações não sou eu nenhum péco, e que já vi, examinei, compreendi, pesel, quanto de melhor apareceu até hoje EM **MATERIA** de argumentações».

Como vê, era num «sentido geral, universal, indeterminado» que a frase estava expressa. O sr. António Sérgio declara referir-se a certas «vulgaríssimas e conhecidíssimas argumentações» e eu não quero duvidar da sua palavra. Lembro, contudo, que teria sido conveniente que o sr. Sérgio admitisse ao menos a possibilidade duma interpretação, embora errada. Quanto aos conselhos sobre a «beleza interior» e o «ser nobre, puro, cavalheiresco, leal», permita-me o sr. António Sérgio que lhe proponha como coisa excelente, como coisa mesmo muito excelente, que encerremos esta questão.